



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Roberto Remígio Florêncio

IF Sertão Pernambucano

orcid.org/0000-0003-3590-9022

betoremigio@yahoo.com.br

Carlos Alberto Batista dos Santos

Universidade do Estado da Bahia

orcid.org/0000-0002-2049-5237

cacobatista@yahoo.com.br

Maria Aparecida Alves

Secretaria de Educação de Pernambuco

orcid.org/0000-0002-0475-8340

roberto.remigio@ifsertao-pe.edu.br

A desumanização dos personagens de "Vidas Secas" como elemento da exploração social

RESUMO: Ao abordar o drama da desumanização imposta aos personagens do clássico "Vidas Secas", de Graciliano Ramos, o presente estudo se propõe a analisar como a carência da linguagem promove a animalização do homem, provoca a solidão e o isolamento social. Para fundamentar o tema, adotamos os estudos de Holanda (1992), Melo (2005) e Protez e Menon (2008), que evidenciam as práticas de exclusão como elemento da exploração social. Com uma metodologia baseada em revisão bibliográfica e interpretação literária, contextualizamos as contribuições propostas pelos teóricos para defender a ideia central: os silenciamentos são impostos pelos ambientes social (humano) e geográfico (natureza) da narrativa. Mediante essa análise, entendemos que a animalização do homem resulta na ausência de linguagem e na normalização disso diante da vida de negações. Os resultados comprovam que a ausência da fala é fator determinante para a condição de seres explorados e oprimidos e, ainda, constitui uma esfera de continuidade. Ao final da narrativa, diferenças entre humanos e animais são enfim contempladas, quando são perceptíveis as raras ações emotivas, como o florescer da esperança e as perspectivas de uma vida melhor.

Palavras-chave: Literatura Brasileira Moderna. Silenciamento. Linguagem. Sociedade e meio ambiente.

INTRODUÇÃO

Quase cem anos após o retrato de sabor amargo e cores acinzentadas, produzido por Graciliano Ramos em "*Vidas Secas*", o cenário de imposições e silenciamentos parece se repetir, com ares de modernidade, mas com os mesmos objetivos de dominação e exclusão, nas paragens do semiárido brasileiro, em especial, no sertão nordestino e, aguçado pelas estiagens mais prolongadas.

A obra em questão retrata de maneira metafóricamente objetiva a vida no interior do Nordeste Brasileiro, região marcada pela luta humana em busca da sobrevivência em ambiente naturalmente marcado pela irregularidade das chuvas e socialmente pela inoperância do poder público. A narrativa de Ramos enfatiza essa problemática pela peregrinação empreendida por uma família de retirantes, que vive essa realidade, com tantos desafios propostos pelo meio socioambiental em que estão inseridos, de forma tão natural quanto a onipresença das carências impostas pelo meio. O enredo evidencia o drama da família liderada por Fabiano, como apenas mais uma entre tantas outras que sofrem os flagelos da seca e de seus agravantes sociais, a fome, a exploração, a injustiça e os silenciamentos. Traço comum na vida de homens e mulheres que nascem condenados às imposições duras da terra árida e são obrigados a se deslocar, de tempos em tempos ou definitivamente, para garantir a sobrevivência.

Por se tratar de temática comum¹, o romance não teria o impacto promotor de críticas tão contundentes nem dos diversos estudos proporcionados nas ciências humanas e áreas afins, mas a escassez comunicativa revela tantas oportunidades de análise que desencadeou inúmeras outras problematizações, inclusive esta, que busca abordar os efeitos devastadores na vida dos seres acometidos da situação de inferiorização subumana. Tomando por premissa que a deficiência comunicativa e, conseqüentemente, a animalização do homem, torna o indivíduo, mais que excluído da vida em sociedade, um ser fragilizado, diminuído pela solidão e oprimido pelas relações de poder (FLORÊNCIO, 2018). Portanto, o presente estudo se propõe a analisar como





a carência de linguagem interfere nas relações interpessoais, bem como essa ausência reflete na opressão e no isolamento social.

Diante dessa suposição, é impossível desvincular o estudo sobre o poder da linguagem institucionalizada perante a sociedade e como a falta de comunicação interfere

negativamente para o status social. Apresentando os moldes da opressão social como consequência dessa condição humana, pudemos identificar como a incomunicabilidade dos personagens promove o isolamento social e cristaliza os silêncios nas relações interpessoais. A metodologia utilizada nesta pesquisa é de caráter bibliográfico, descritivo e explicativo, baseada na interpretação de texto e na análise discursiva (FLORÊNCIO, 2018). Foi tomado como espaço imagético a narrativa presente no romance "*Vidas Secas*", de Graciliano Ramos, marco do regionalismo no Modernismo Brasileiro, publicado em 1930ⁱⁱ. Os sujeitos investigados foram os personagens que formam a família de Fabiano e a análise de dados foi realizada por meio da investigação das expressões, das falas (e falta delas) e ações dos personagens. Como pressupostos teóricos, apresentamos os estudos de Holanda (1992), Melo (2005) e Protez e Menon (2008), que abordam a ausência da linguagem e a animalização dos personagens, o que intensifica os sentimentos de inferioridade, de subserviência e exclusão.

335

GERAÇÃO DE 1930: CONTEXTUALIZAÇÃO

Romance marcante da Geração de 1930, auge do romance modernista brasileiro, a obra pertence à Segunda Fase do Modernismo, período marcado por contistas e romancistas que se tornaram cânones da Literatura Brasileira, como Rachel de Queirós, Jorge Amado e o próprio Graciliano Ramos. Conforme Dutra (2015, p. 24):

Os romances desta geração eram voltados principalmente para as causas sociais, exercendo um papel de denúncia e crítica social. Nessa época, a região da seca nordestina estava muito visada e, por isso, tornou-se um tema bastante corriqueiro nas obras. Por conta desse papel social, alguns especialistas consideram essa fase como "neorrealista", já que resgata ideais consagrados pelos romances de Machado de Assis, como, por exemplo, o condicionamento do caráter humano pelo meio em que ele vive.



De traços neorrealistas e uma linguagem mais objetiva do que os outros romances do autor, *Vidas Secas* tem um texto enxuto, dinâmico e, ao mesmo tempo, subjetivo em relação ao fluxo do pensamento. Foi escrito de maneira que os capítulos podem ser lidos separadamente e em qualquer sequência, como minicontos. A temática da seca não era novidade, mas o estilo narrativo de Ramos tornou-se único e digno da apreciação por muitos críticos da época, chegando a ser intitulado como o melhor romancista brasileiro (NICOLA, 1999).

Exercendo a sua costumeira verve crítico-social, caracterizada por denunciar a realidade sociopolítica, Ramos promove uma ruptura paradigmática em relação à composição de seus personagens e da teia narrativa neste romance, considerado por muitos críticos, a sua obra-prima. A narrativa traz o leitor para dentro da história, uma história de contradições reais de uma vida que não vive: “nem vida, nem morte, vidas secas” (PACHECO, 2014, p. 35). O interesse de Ramos é pelo homem, o homem da seca nordestina, suas intempéries, o homem sertanejo que aparece agora retratado na literatura.

Procurei auscultar a alma do ser rude e quase primitivo que mora na zona mais recuada do sertão, observar a reação desse espírito bronco ante o mundo exterior, isto é, a hostilidade do meio físico e a injustiça humana (RAMOS, *apud* REIS, 2012, p. 205).

A obra literária é o reflexo da vida social, das relações humanas. Tal semelhança entre o romance e a realidade deve-se à verossimilhança. E como diz Gancho (2014), trata-se por verossimilhança a “lógica interna do enredo, que o torna verdadeiro para o leitor; é, pois, a essência do texto de ficção” (GANCHO, 2014, p. 10). Esse recurso se faz presente na obra ao passo que há uma semelhança entre o texto literário e a vida.

CONSTRUÇÃO NARRATIVO-LITERÁRIA DAS *VIDAS SECAS*

A literatura tem o poder de retratar a realidade e revelar para o mundo as questões sociais, de modo que não só descreve, mas sempre toma algum posicionamento em face das injustiças sociais. Os movimentos sociais estavam em expansão, o Estado por



sua vez reprimia todo e qualquer tipo de manifestação. Em 1937, o Brasil ganhou sua segunda constituição imposta por Getúlio Vargas, com inspiração fascista e autoritária. A pobreza se acentua por conta do Êxodo Rural – a migração da zona rural para a zona urbana, intensificada pelas grandes estiagens, intensificou-se após a década de 1940 – gerando aglomerados de trabalhadores mal remunerados, causando miséria e fome, condições precárias de saúde, habitação e de educação, formando os bolsões de pobreza nas periferias das grandes cidades brasileiras. Distante do eixo Rio-São Paulo e sem o clima favorável à agricultura ou pecuária do Sul e Sudeste, o Nordeste agoniza em períodos cíclicos de grandes estiagens.

As secas são intermitentes e as chuvas causam ao povo sertanejo o reflorescer da esperança, ainda que saibam se tratar de um período passageiro do clima local. Assim também é a obra de Ramos; trata-se de um romance cíclico: inicia-se com o findar de uma seca e encerra-se com os prenúncios de uma nova seca que se aproxima (CANDIDO, 1992, p. 107). Seus personagens são duros, quase anestesiados, mas seus espasmos de alegrias causam as mesmas sensações aos leitores. A narrativa não segue uma ordem cronológica de fatos históricos nem de acontecimentos ficcionais. Há muitos *flashbacks* e fluxos da consciência. Os personagens e cenários não são fisicamente descritos com riqueza de detalhes, mas com a linha dura da pena que externa o ambiente insólito do lado de fora. A história é composta por treze capítulos e os episódios narrados são separados, mas o último toca o primeiro. Este encontro do fim com o começo, como já foi observado, forma um anel de ferro, em cujo círculo, sem saída, se fecha a vida esmagada da pobre família de retirantes-agregados-retirantes, mostrando a poderosa visão social de Ramos.

Bosi (1994, p. 204), por outro lado, afirma não se tratar de um “ciclo fechado, mas, sim, uma série de romances, cuja descontinuidade é sintoma de indagação problema”. As estruturas narrativa e linguística estão delimitadas antes da escrita do primeiro capítulo. “A ausência de uma sequência linear é o que promove a autonomia de cada capítulo, reconhecendo assim, o seu caráter desmontável” (BOSI, 1994, p. 205). Como não há uma sequência linear dos fatos



narrados, cada capítulo pode ser lido isoladamente, o que não interfere na sua compreensão. Cada capítulo concentra-se em um dos personagens, traz à tona suas individualidades, pensamentos e sonhos, evidencia as circunstâncias em que se encontram, bem como a dificuldade de comunicação. O foco narrativo em cada capítulo parte de Fabiano, passa por Sinhá Vitória, detém-se nos dois meninos, para finalizar em Baleia.

A ausência de nomes próprios aos filhos e a presença do nome da cadela da família já nos aponta o rasgo da desumanização presente na narrativa: os meninos animalizados pela ausência da comunicação, pelos atos bruscos e grunhidos e pela falta de nomes. Ao tempo em que a cachorra Baleia é partícipe da história, trabalhando em prol da família ao trazer os preás para Sinhá Vitória cozinhar no auge da seca. Ao fim, no momento da morte, Baleia é humanizada de forma crucial ao sonhar com os preás.

De acordo com Silva (2001, p. 12), "secas não são só as vidas das personagens e as paisagens que atravessam o sertão nordestino, mas também a linguagem do livro". O título do romance antecipa alguns de seus aspectos essenciais. De fato, "vidas" remete aos indivíduos cujas existências serão focalizadas na narrativa, "secas" tanto aponta para a condição natural quanto para a falta de perspectiva das personagens. Pessoas secas física e emocionalmente, estabelecendo assim a nossa linha de análise: a falta de comunicação entre Fabiano e sua família nos revela que secas não são somente a vida das personagens, mas também as palavras. A linguagem, compreendida como elemento responsável pela nossa inserção ao convívio social, não faz parte do cotidiano da família. Essa ausência reflete nas relações comunicativas, assim como nas suas ações, onde a comunicação se firma no mesmo nível dos bichos, num processo contínuo de desumanização.

Graciliano Ramos aborda a questão social com profundidade ao descrever o cenário da seca no semiárido nordestino, quando os riachos e açudes secam, apresentando as mazelas do povo sertanejo. Trabalhadores, valentes e tementes a Deus, os nordestinos lutam para se manter na terra,

mas, muitas vezes, no extremo das estiagens, são obrigados a migrar. Então, o autor se utiliza da ingenuidade e



desconhecimento – Fabiano sequer sabe ler – do protagonista para elaborar uma crítica político-social e fazer surgir temas subjacentes como a ausência de políticas públicas para a convivência com a seca, escassos subsídios governamentais para manutenção das pessoas em suas terras e a manutenção do analfabetismo e da exploração dos trabalhadores, das classes mais pobres pelos latifundiários, coronéis e governantes. Principalmente no semiárido nordestino.

Mas é, sem dúvida, a ausência da comunicação que o faz parecer-se cada vez mais aos bichos que permeiam o romance. Segundo Platão e Fiorin (2001, p. 124), “o procedimento básico de que se vale o autor para organizar as figuras que descrevem Fabiano é a metáfora”, esta aparece também traduzida pelas expressões do próprio personagem ao se considerar, sucessivamente, um homem e um bicho.

Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida. Baleia jantara os pés, a cabeça, os ossos do amigo, e não guardava lembrança disso (RAMOS, 1938, p. 64 *apud* NICOLA, 1999, 126).

Antes de personagem principal, beirando o anti-protagonismo, Fabiano é a própria definição da problemática levantada por Ramos, o objeto da observação. Mesmo que haja uma constância de fluxo da consciência e que a “voz” de Fabiano se entrelace com a do narrador, este é onisciente. Gancho (2003; 2014) defende que o narrador é o elemento estruturador da narrativa e possui duas funções básicas, a de ser o foco narrativo da história e a do ponto de vista. A autora diz que “tanto um quanto outro se refere à posição ou perspectiva do narrador frente aos fatos narrados” (GANCHO, 2003, p. 225). Ao transformar em palavras os pensamentos e anseios dos personagens, o narrador recorre ao discurso indireto livre, revelando assim, o interior dos personagens através de monólogos interiores, onde as (raras) falas dos personagens se misturam ao discurso do narrador. Aqui, a falta do pensar organizado de Fabiano causa essa mesma desordem na narração. Diante da incapacidade comunicativa dos personagens, é o recurso do fluxo – ainda que descontínuo e oscilante – da consciência, que possibilita a voz dos oprimidos participarem da narrativa.



Assim, por esse intermédio, através desse mergulho na mente de Fabiano, Ramos consegue expor a confusão mental comum às pessoas sem instrução, vítimas de exploração e alheia aos seus direitos. Embora, Fabiano faça menção a tudo isso, mas se vê preso à realidade cruel que lhe é imposta pela necessidade, pelas circunstâncias em que se encontra e pela carga de responsabilidade que lhe caiu ao constituir aquela família.

Voltado para a vida interior, fluxos da consciência e discursos indiretos livres, o autor consegue trazer grande quantidade de introspecção em personagens primários e rústicos. Dessa forma, evita redundâncias e incoerências próprias da conversa e constrói uma narrativa com pensamentos e frases soltas, focalizando os personagens em momentos de crise. Trata-se de diálogos curtos e independentes, reduzidos ao essencial. A linguagem do livro é curta e sem sentimentalismos, adequada à seca, um estilo seco que diz muito com poucas palavras. As falas das personagens são reduzidas, mas no decorrer do romance aparecem alguns diálogos, a maioria sem uma elaborada conexão sintática, ou seja, as personagens sofrem também com a carência na articulação verbal, consequência das adversidades naturais e sociais, por isso, a utilização de monólogos, onomatopeias e gesticulações, sendo essa comunicação a marca principal da animalização dos seres.

340

REPRESENTAÇÕES E ANÁLISES DE TEXTOS

O romance em estudo apresenta um Brasil esquecido e explorado pelo sistema capitalista. Os dados analisados comprovam que a carência de linguagem promove a animalização e a incomunicabilidade dos personagens, e que essa carência interfere nas relações interpessoais, promovendo a solidão e o isolamento social. Graciliano Ramos mostra as personagens por dentro, a falta de um diálogo concreto entre Fabiano e sua família coloca-os em uma categoria incomum: podem ser considerados "selvagens" por não partilharem da linguagem urbana culta, embora imaginem o poder que ela concede a seus usuários.



Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos - exclamações, onomatopeias. Na verdade, falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas (RAMOS, 2014, p. 20).

De acordo com Melo (2005), o desconhecimento da linguagem por parte de Fabiano configurava o desconhecimento da sua realidade, pois "o domínio da linguagem era o domínio do mundo, da realidade, a compreensão de seus mecanismos" (p. 385). Por isso, Fabiano considerava as palavras perigosas, sabia que a compreensão da realidade se dá mediante a aquisição da linguagem. O fato de se comunicar com as pessoas da mesma forma que fazia com os animais, revela a incapacidade comunicativa, o desejo de obter a palavra e o receio das tentativas sem sucesso.

Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele? Vivia trabalhando como um escravo [...]. Vivia tão agarrado aos bichos (RAMOS, 2014, p. 35).

341

Protez e Menon (2008, p. 2) referem-se à ausência de linguagem como "a atrofiada palavra, fator que gera a exclusão". Essa "atrofia" tem raiz nos fatores externos que atingem Fabiano e sua família, deixando-os à margem, vitimados pela opressão e pela exploração. Segundo o autor, causados pela incapacidade comunicativa e, por isso, animalizados e indefesos, tornam-se vítimas do isolamento social e da solidão. O silêncio de Fabiano retrata o desejo que ele possuía de obter a palavra e não se submeter a tanto: "Fabiano é um bárbaro que perde seu espaço, que não quer ser reduzido, reificado pela fala alheia. Fabiano quer a palavra. Crê que o poder advém dela" (HOLANDA, 1992, p. 27).

Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. [...] Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar com bichos. [...] Cada qual como Deus o fez. Ele, Fabiano, era aquilo mesmo, um bruto. Fabiano também não sabia falar. Às vezes largava nomes arrevesados, por embromação" (RAMOS, 2014, p. 36).

No romance, fica claro o sonho de Fabiano em saber usar as palavras e com elas se expressar, demonstrar seus sonhos, seus pensamentos, suas vontades, e mais ainda, defender-se das humilhações, da opressão, das injustiças e dos insultos que sofrera. No

entanto, via retratada nos filhos, principalmente, a sua insuficiência comunicativa:

(O menino mais novo) Foi puxar a manga do vestido da mãe, desejando comunicar-se com ela. Sinhá Vitória soltou uma exclamação de aborrecimento, e, como o pirralho insistisse, deu-lhe um cascudo (RAMOS, 2014, p. 48).

(O menino mais velho) Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se (RAMOS, 2014, p. 59).

Protez e Menon (2008, p. 4) observam que a ausência de linguagem entre as personagens evidencia a semelhança entre o homem e o animal, comunicando-se “por gestos e ruídos e sem atingir um discurso coerente”. A esta marginalização, que se constitui pela ausência de comunicação, Venturotti (2008, p. 3) chama de “exílio linguístico”. A linguagem se torna um mundo tão hostil quanto a seca da região. O exílio linguístico está na própria realidade de não terem um nome. A ausência de identidade os torna seres desumanizados e destituídos de si mesmos, não possuem identidade e, conseqüentemente, não adquirem direitos. A ausência de uma comunicação coerente revela o desamparo discursivo e o desamparo social se faz presente pela ausência de nomes, identificados apenas como “menino mais velho” e “menino mais novo” (MELO, 2005).

Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu. [...] A chave tilintou na fechadura, e Fabiano ergueu-se atordoado, cambaleou, sentou-se num canto, rosnado: Hum! hum! Porque tinham feito aquilo? Era o que não podia saber. Pessoa de bons costumes, sim senhor, nunca fora preso. [...] Se lhe tivessem dado tempo, ele teria explicado tudo direitinho. Mas pegado de surpresa, embatucara (RAMOS, 2014, p. 31-32).

Silva (2001, p. 22) considera que, nesse caso, “o bom desempenho linguístico seria uma arma, uma defesa contra injustiças, exclusão, discriminação”. Por não ter instrução, Fabiano se cala, inseguro de seus argumentos diante dos argumentos do soldado amarelo e lamenta por não saber falar direito, se soubesse, teria se defendido. Fica claro que Fabiano precisa de mais tempo para elaborar o pensamento e emitir sua fala, mas isso não é possível, pois falta-lhe a prática.

O traço definidor do processo de existência e da identidade humana é a linguagem. O ser humano só existe porque





desenvolveu a linguagem, e ela, como princípio de conhecimento, significa poder. A opressão vivenciada por Fabiano e sua família, advém não só das relações de poder, mas especialmente da ausência de linguagem, fato que gera exclusão, isolamento social e revolta.

Resmungava, rezingava, numa aflição, tentando espichar os recursos minguados, engasgava-se, engolia em seco. Transigindo com o outro, não seria roubado tão descaradamente. Mas receava ser expulso da fazenda. E rendia-se (RAMOS, 2014, p. 93).

A relação entre as classes de patrão e empregado retrata a opressão social e a relação de poder. Um poder exercido ora pelo patrão, ora pelo soldado amarelo, ora pelo fiscal da Prefeitura. Bourdieu (1999, p. 09) diz que "o poder simbólico é um poder de construção da realidade" e a classe dominante exerce sobre a classe dominada o poder simbólico, transcrito em "*Vidas Secas*" de forma direta e assertiva. Fabiano é um ser passivo, que tudo aceita sem força de contestação (FLORÊNCIO, 2018). E se cala por não conhecer seus direitos e por não saber usar a linguagem em defesa própria. Como se vê diante da chance de revanche ao reencontrar o soldado amarelo, andando em ermo pela caatinga, ou ao receber os insultos e xingamentos do dono da cabra, matada por ele no desespero da fome.

O destino é incerto, mas a vontade de viver impõe a caminhada contra a morte, que espreita a cada passo. A esperança renasce da nuvem que surge acima do monte e anuncia o fim da estiagem, mas a promessa de renascimento de plantas, animais e homens é tênue (PATTO, 2012, p. 224-225).

Além do desamparo social (acesso negado à moradia, saúde, educação, segurança), aparece o desamparo discursivo (formação de valores e ideais), fato que dificulta o sujeito de posicionar-se e ter voz nas relações de poder, o que contribui mais ainda para o processo de exclusão social. O abandono e o descaso, associados à opressão social e a fuga da seca, revelam esse desamparo social e discursivo.

Fabiano atentou na mulher e nos filhos, apanhou a espingarda e o saco de mantimentos, ordenou a marcha com uma interjeição áspera (RAMOS, 2014, p. 119).

E, mais uma vez, Fabiano, Sinha Vitória e os dois meninos fugiam das condições adversas do sertão nordestino e da *vida seca*, as quais poderiam ser evitadas caso conhecessem a palavra.

É a partir dessa inabilidade com a linguagem que nasce o drama dessa família.

Sinha Vitória estirou o beijo indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto [...] E a viagem prosseguiu, mais lenta, mais arrastada, num silêncio grande (RAMOS, 2014, p. 10-11).



O romance termina exatamente como começou, com a família de Fabiano em retirada, fugindo da seca, em busca de um lugar com melhores condições de vida. Melo (2005, p. 385) considera que “o ser bicho estava relacionado ao arcaísmo da linguagem de Fabiano e sua Família”. É evidente a dificuldade dos personagens em manifestar aos outros suas ideias, pensamentos, necessidades. Suas falas são tomadas como ruídos, numa condição de escravos da língua, num processo contínuo de animalização. O silêncio, a ausência das palavras, traz à tona o drama de uma família excluída e marginalizada, onde a falta de comunicação à mantinha estagnada, sem condições de avançar.

Apesar do final positivo do seu intento e de ver a esperança no futuro ainda incerto da cidade, a volta da seca parece fechar o mundo para Fabiano, vida cíclica que reforça a sina de um destino imposto pelo meio: migrar. Logo, o retirante segue o mesmo destino que teve seu pai, e que terá seus filhos.

344

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance apresenta várias temáticas que são aqui validadas por três aspectos: o regional, o social e o psicológico. Do ponto de vista regional, relata a miséria do mundo físico, as forças da natureza sobre o homem desprotegido; do social, promove uma denúncia sobre a opressão e as relações de poder; e do psicológico, surge como marca da existência, mostra que a partir da repressão surgem indivíduos marcados pela introspecção, revelando assim, o interior dos personagens, seus sonhos, desejos, pensamentos, ética.

A obra ficcional de Graciliano Ramos é um capítulo importante da Literatura Brasileira e, diferentemente de outros



romances do autor, *Vidas Secas* é narrado em 3ª pessoa, propositalmente para que Graciliano possa exercer o papel de denúncia e exploração que pretende, ainda que o discurso do narrador e as vozes das personagens se entrecruzem, dilacerando as fronteiras entre um e outros. A análise da condição humana é uma das fortes características do autor, o que lhe confere um caráter de universalidade, ao extrapolar os limites do sertão físico ou mesmo metafórico.

Trata-se de um sertão também na escrita, uma espécie de *universalidade concreta*, pois vive da singularidade. Graciliano aponta sua pena ao desamparo sofrido pelo povo nordestino em sua condição subalterna de vida, imposta menos pela seca do que pela máquina governamental, em que se é proibido contestar, como deixa claro Fabiano ao se diminuir perante o seu antagonista mais direto no romance, o soldado amarelo: "*Governo é Governo*".

A partir de uma situação de carência extrema, o romance movimenta uma família sertaneja, tangida pela seca: Fabiano, Sinhá Vitória, o menino mais novo, o menino mais velho e a cachorra Baleia, além do papagaio (que vira alimento), são os *seis seres viventes*. As migrações contínuas de terra revelam que a falta de opção para uma vida digna conduz a fuga e que as condições sub-humanas de existência nivelam animais e pessoas, reduzindo o homem à condição de bicho. A fome, a falta de moradia, a opressão do patrão e do Governo são elementos que revelam o desamparado social que atingem aquela (entre tantas outras) família, contudo, o desamparo discursivo se firma pela falta de comunicação, onde a carência da linguagem é fator determinante para a condição de ser oprimido e marginalizado. A relação de Fabiano e sua família com o mundo aponta para a conscientização de que eles são de um nível inferior, subumano. Fabiano é um ser degradado, que está colocado num nível infra-humano. Possui as cores primárias da paisagem seca, o cinza da caatinga. As condições subumanas nivelam animais e pessoas. A sucumbência da linguagem humana, a ausência geral de perspectivas futuras e a luta desesperada pela vida aproximam ainda mais os bichos dos homens. Por isso, Graciliano Ramos usa tão bem o

termo *viventes*: aqueles que, no desespero da sobrevivência, só tem a vida para defender.



REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. São Paulo: Editora 34, 1992.
- COUTINHO, Afrânio. **Literatura Brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- DUTRA, Kátia (2015). **119 anos de Graciliano Ramos**. Disponível em Blog Conceitos Literários. www.conceitosliterarios.com.br . Acesso em 17 de abril de 2019.
- FLORÊNCIO, Roberto Remígio (2018). **Introdução à Análise do Discurso**. Blog Etnolinguagens. Disponível em www.etnolinguagens.webnode.com , acessado em 20 de março de 2020.
- GANCHO, Candida Vilares (2003). **Como analisar narrativas**. 7 ed. São Paulo: Ática, 2014.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- HOLANDA, Lourival. **Sob o signo do silêncio**: Vidas Secas e o Estrangeiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1992.
- LINS, Álvaro. **Valores e misérias das vidas secas**. In: RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 56. ed. Rio, São Paulo: Record, 1986.
- MELO, Ana Amélia M. C. **A Crítica Social e a Escrita em Vidas Secas**. Estudos, Sociedade e Agricultura, ano 13, volume 02. UFRRJ, 2005.
- NICOLA, José. **Literatura Brasileira**: das origens aos nossos dias. 33ª Edição. São Paulo: Scipione, 1999.
- PACHECO, Ana Paulo. **O vaqueiro e o procurador dos pobres**: *Vidas Secas*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 60, p. 34-55, 2014.
- PATTO, Maria Helena Souza. **O mundo coberto de penas: Família e utopia em Vidas secas**. Estudos Avançados, n. 26, p. 76, p. 225-236, 2012.
- PLATÃO, Francisco; FIORIN, José Luiz. **Para entender o texto**: leitura e redação. 33ª edição. São Paulo: Ática, 2001.

PROTEZ, Cláudia Fernanda e MENON, Maurício. **O homem e a linguagem em Vidas Secas**. Revista Eletrônica Lato Sensus: Ed. 4. UNICENTRO, 2008



RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 124ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

REIS, Zenir Campos. [Tempos futuros – Vidas Secas, de Graciliano Ramos](#). Estudos Avançados, n. 26, p. 76, p. 187-208, 2012.

SILVA, Maria de Narazé Moreira da. **A segura do mundo seca a palavra de Fabiano**. Belém: Universidade da Amazônia, 2001

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa das relações sociais**. São Paulo: Herder, 1965.

VENTUROTTI, Fabiano. **Exílio, fronteira e fome em Vidas Secas**. Revista Crioula, São Paulo: USP, maio de 2008, nº 3, p. 1-6, maio de 2008: Disponível em

<http://www.fflch.usp.br/dlcv/revistas/crioula/edicao/03/Artigos%20e%20Ensaaios%20-%20Fabiano%20Venturotti.pdf>.

Recebido em 11 de setembro de 2020.

Aprovado em 19 de janeiro de 2021.

347

DEHUMANIZATION OF "VIDAS SECAS" CHARACTERS LIKE AN ELEMENT OF SOCIAL EXPLORATION

ABSTRACT: By addressing the drama of dehumanization imposed on the characters of the classic "Vidas Secas", by Graciliano Ramos, this study aims to analyze how the lack of language promotes the animalization of man, causes loneliness and social isolation. To support the theme, we adopted the studies of Holanda (1992), Melo (2005) and Protez and Menon (2008), which highlight the practices of exclusion as an element of social exploitation. With a methodology based on literature review and literary interpretation, we contextualize the contributions proposed by theorists to defend the central idea: silences are imposed by the social (human) and geographical (nature) environments of the narrative. Through this analysis, we understand that the animalization of man results in the absence of language and the normalization of this in the face of a life of denial. The results prove that the absence of speech is a determining factor for the condition of exploited and oppressed beings and, still, it constitutes a sphere of continuity. At the end of the narrative, differences

A DESUMANIZAÇÃO DOS PERSONAGENS DE "VIDAS SECAS" ...
Afluentes, UFMA/CCEL, v.6, n.17,
p. 333-348, jan./jun. 2021
ISSN 2525-3441

between humans and animals are finally contemplated, when the rare emotional actions are perceived, such as the flourishing of hope and the prospects for a better life.

Keywords: Modern Brazilian Literature. Silence. Language. Society and environment.



ⁱ Rachel de Queiroz, José Américo de Almeida e José Lins do Rego, entre outros romancistas nordestinos, situados no movimento intitulado Geração de 30 do Modernismo Brasileiro (NICOLA, 1999), destacaram-se em temáticas como a seca, o êxodo nordestino e a exploração das classes menos favorecidas pelos latifundiários e senhores de engenho, do início do século XX.

ⁱⁱ Neste estudo, foi utilizada a edição de nº 124, reeditada pela Editora Record, em 2014.